

## **NOÇÃO DE SUJEITO EM 'SUBJETIVIDADE E VERDADE' DE MICHEL FOUCAULT**

NOTION OF SUBJECT IN 'SUBJECTIVITY AND TRUTH' BY MICHEL FOUCAULT

NOCIÓN DE SUJETO EN 'SUBJETIVIDAD Y VERDAD' DE MICHEL FOUCAULT

Ediênio Vieira Farias<sup>1</sup> 0000-0001-6565-0678

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), Bom Jesus da Lapa, Brasil; [edienio.farias@ifbaiano.edu.br](mailto:edienio.farias@ifbaiano.edu.br).

[...] gostaria de fazer ouvir a voz, fazer ver o rosto do sujeito que está em nós, escondido por tantas máscaras, mas em nome do qual temos o direito e o dever de exigir liberdade. (Alain Touraine, 2009, p. 193).

Falar sobre o sujeito e seus processos de subjetivação tem sido objeto de debates e discussões em variados contextos, principalmente educacionais. A epígrafe acena para a reflexividade desse sujeito contemporâneo que se constitui na relação com o(s) outro(s) e pela experiência consigo mesmo. Ao tratar dessa temática emergente, não podemos perder de vista os estudos e escritos de Michel Foucault, o qual se tornou um dos grandes filósofos da contemporaneidade, reconhecido por reapresentar a noção/estruturação do sujeito em relação à sexualidade, ao poder e aos jogos de verdade que permeiam essa constituição.

Paul-Michel Foucault, filho de Paul Foucault e Anne Malapert, nasceu em Poitiers (França), em 1926. Contrariando o desejo do pai, tornou-se bacharel em Filosofia pelo Colégio Saint-Stanislas (1943). Licenciou-se em Psicologia pela Sorbonne (1949) e tornou-se professor assistente na Universidade Lille (1952). Entre 1955 e 1960, ministrou aulas nas universidades de Uppsala (Suécia), Varsóvia (Polônia) e Hamburgo (Alemanha). Nesse período, ao retornar à França, conheceu Daniel Defert (aluno da *École Normale Supérieure de Saint-Claude*), o qual se tornou o companheiro do filósofo até o final de sua vida em 25 de junho de 1984. Entre 1960 e 1970, Foucault realizou estudos e conferências em diversos países, inclusive no Brasil (1965). Publicou, nessa mesma década, a tese 'Loucura e Razão' (conhecida no Brasil por 'História da Loucura', 1961), os textos 'As palavras e as coisas' (1966), 'A arqueologia do saber' (1969) e 'A ordem do discurso' (1970).

Lecionou e ministrou cursos<sup>1</sup> no *Collège de France* entre dezembro de 1970 e até seu falecimento, exceto no ano de 1977, quando resolveu desfrutar de um momento sabático em

---

<sup>1</sup> A série de aulas que compõe esses cursos iniciou-se entre 1970 e 1971, com 'Lições sobre a vontade de saber', encerrando-se em 1983/1984 com 'A coragem da verdade'. Relevante ressaltar que esses cursos faziam referência

sua vida profissional e acadêmica. Publicou a nova edição de 'História da Loucura' (1972), 'Vigiar e Punir' (1975), 'História da Sexualidade: a vontade de saber' (1976), 'As vidas paralelas' (1978), 'História da sexualidade: o uso dos prazeres' (1984), 'História da sexualidade: o cuidado de si' (1984) e vários outros textos que enlaçam o processo de subjetivação do sujeito, o caminho da verdade e a relação de poder.

Em 1981, no *Collège de France*, proferiu o curso acerca de 'Subjetividade e Verdade', o qual será apresentado neste escrito. Assim, em linhas gerais, esse curso é composto por 12 aulas, as quais iniciaram em 07 de janeiro de 1981 e encerraram-se em 1º de abril do mesmo ano. A obra foi editada por Frédéric Gros (sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana) e traduzido, no Brasil, por Rosemary Costhek Abílio. Vale ressaltar que esta resenha crítica não será adstrita a resumir cada componente da obra, pois na abertura de cada aula apresenta-se uma ementa ilustrativa e sintética dos pontos relevantes ministrados pelo filósofo. Então, este texto trata da noção de sujeito inscrita no curso, delineando - ao mesmo tempo - as problematizações acerca de subjetividade e verdade elucidadas pelo autor. Nesse sentido, por análise do discurso de vertente francesa, torna-se indispensável antecipar que a genealogia<sup>2</sup> do sujeito está marcado pela história da sexualidade e seus sistemas de proibições e condutas.

A fim de despontar a relevância do curso para aquele ano, Foucault (2016) manifesta nas (entre)linhas que a subjetividade, em uma primeira instância, é um conjunto de processos de subjetivação pelos quais o sujeito é submetido (objetivação/assujeitamento) ou que o próprio sujeito aplica em relação a si mesmo (cultura de si). Para que esses processos se subvertam e transformem em uma prática continuada de dispositivos de escrita de si e para si, o sujeito precisa "[...] desajolar do interior da alma os movimentos mais escondidos de forma a poder deles se libertar." (REVEL, 2005, p.83). Nessa libertação de si para si, perpassa à noção de verdade, a qual é defendida pelo autor não apenas como aquela que é designada para descobrir o que é verdadeiro, mas, sim, aquela que contemporiza o sentido de reflexão/meditação contínua retomada sobre o que foi ensinado/doutrinado e sobre o que se deve considerar verdadeiro a partir de uma realidade dada. Em outras palavras, a relação subjetividade e verdade envolve as técnicas, discursos e caminhos pelos quais o sujeito alcança o lugar da experiência e o reconhecimento histórico desse lugar. Em sentido mais reentrante, frente as relações do

---

a arte de viver na antiguidade grega e romana, o que fez Foucault demarcar esse lugar da arqueo-genealogia do sujeito frente aos debates e discursos contemporâneos.

<sup>2</sup> Segundo Veiga-Neto (2017), em seus estudos foucaultianos, interpreta o termo enquanto um modo de escuta da história, em seu próprio funcionamento ou em sua própria materialidade. Para este autor, a genealogia representa a segunda fase de Foucault, marcada pelo processo de subjetivação do sujeito "[...] que trabalha e pensa sobre si mesmo." (VEIGA-NETO, 2017, p.111).

domínio de si para si, a verdade não se estabelece e opera fora do sujeito, situa-se dentro dele. Inclusive, Gros (2016, p. 276) problematiza essa questão foucaultiana ao dizer que o sujeito “[...] não é simplesmente permeado e informado por *governamentalidades* externas, mas constrói, por meio de exercícios regulares, uma relação consigo definida.” Essa relação se constitui no domínio do ser-poder (registro genealógico) em que o processo de subjetivação não instala apenas pelo (re)conhecimento do passado, mas também pelo ato de resistência frente aos espaços e tempos presentes.

Nas duas primeiras aulas do curso, a noção de sujeito já aparece na ‘fábula do elefante’ quando Foucault (2016) aborda a ética sexual monogâmica, frisando que “[...] o elefante nunca muda de fêmea e ama ternamente a que escolheu, com a qual, porém, acasala apenas de três em três anos, e isso só por cinco dias e tão secretamente que nunca é visto nesse ato.” (p. 03). Esse modo de purificação, acompanhada por uma moral sexual, marca o lugar da verdade como sistema histórico de conduta e obrigações, remontando um processo de assujeitamento em que o sujeito se submete às leis, princípios de obediência e sacrifícios de si (pelo ato das confissões).

Por essa fábula, ainda, apreende-se o modo de como o sujeito deve se comportar, “[...] como se apresentar, como fazer para adquirir determinada aptidão, que tipo de relação se deve estabelecer com os outros, como aparecer em público, como se portar de modo decente etc.” (FOUCAULT, 2016, p. 29). Tais modos simbolizam a arte de viver cristã que está expressa nos status ontológicos: i) *Máthesis* - relação com os outros (aprende-se por meio do ensino, da doutrinação); ii) *Meléte* - relação com a verdade (medita por meio da governamentalidade externa); iii) *Áskesis* - relação consigo mesmo (controle do que fazemos ou devemos fazer). Ao refletir sobre esses status, o filósofo deixa implícito que o processo de subjetivação do sujeito deve-se ocupar do movimento inverso, partindo da *áskesis* (trabalho de si sobre si) para se chegar ao status *máthesis* (a arte de viver com os outros e seus ensinamentos).

Da terceira à sexta aula, o autor aborda sobre o sistema ético dos atos sexuais e as vantagens e inconvenientes comparados do casamento. Nesse ponto, a noção de sujeito é atravessada pela questão do ato sexual enquanto investimento, ato de posse ou marca de domínio de um sujeito sobre o outro (velho/jovem, ativo/passivo, rico/pobre, homem/mulher, senhor/escravo, etc). Nesse sentido, a relação de subjetividade e verdade se instala por uma relação de forças o que faz desconstruir a ideia de poder disciplinar, caracterizado pelo controle e conduta de corpos. Então, a relação pedagógica “fazer o outro surgir como sujeito no campo social” (FOUCAULT, 2016, p. 85) entra em declínio, emergindo o sujeito do desejo,

atravessado pela “[...] passagem de uma tecnologia de si com relação ao outro para uma tecnologia de si sobre si.” (p. 87).

Da sétima a nona aula, a fim de ilustrar a relação entre Religião, Filosofia e Medicina, Foucault (2016) discorre sobre a tríade ‘sexo-morte-verdade’, pela qual apresenta as duas finalidades do casamento e do ato sexual: fazer filho (*paidopoíia*) e desenvolver vínculo afetivo entre homem-mulher (*philia*). Assim, se por uma lado a conjugalização dos atos sexuais parecia fazer (simbolicamente) um embaraço no sujeito (morte do desejo) para que ele tenha acesso à verdade; por outro, “[...] o ato sexual começa a tornar-se [...] objeto de conhecimento, objeto de verdade.” (p. 151). Em outras palavras, ocorre um torsião na nova ética matrimonial (casamento enquanto instituição pública e prática de elite), elevando a problematização acerca do sujeito do desejo.

Diante dessa questão, na décima e décima primeira aulas, Foucault (2016) pronuncia sobre a natureza dos discursos sobre o casamento. Nesses discursos, identifica que ao invés de impor a fidelidade conjugal absoluta/rigorosa, a sociedade, igreja e família passaram a defender – de maneira superficial – que “[...] a ordem social é garantida muito mais facilmente por regras de fidelidade flexível, de fidelidade relativa, de fidelidade em forma coador.” (p. 218). Assim, por meio dos ‘discursos em excesso’, fundaram um novo código de conduta ou de racionalização do comportamento. Por essa ‘nova configuração social’, rerepresentam as artes de viver cristã, viralizando que a relação de domínio de si sobre si torna uma questão fundamental, ao ponto de reavivar a questão de que sendo ‘senhor de si’ é condição elementar para ser ‘senhor do outro’. Essa forma de domínio engloba a noção de limite sobre o sujeito, “[...] de medida que vem definir quais são os desejos que o indivíduo vai poder realizar, quais são os desejos que não pode realizar.” (p. 237). Temos aí um outro modo de autocontrole e censura que afeta diretamente o sujeito e o seu processo de subjetivação.

Na última aula do curso, Foucault (2016) retoma as artes de viver cristã pela articulação entre o sistema de valorização (o ato sexual reservado apenas ao casamento) e o modelo de comportamento (a conduta do casamento para procriação e reafirmação de laços sociais). Por este enlace, evidencia que as tecnologias de si do sujeito estão situadas por uma evolução das relações de poder na estrutura social. Primeiro, um poder social representado pela rivalidade conflito entre clãs, chefes de família, no bojo das sociedades patriarcais. Por essa forma de poder, o sujeito objetiva seus modos de vida e comportamento sexual com referência ao homem ‘varão’, experiente e autoritário. Segundo, o poder de corte/soberano simbolizado por uma organização burocrática e hierárquica. Nessa forma de poder, instala-se a rivalidade e a

competição entre organizações e estabelecimento, o que fez institucionalizar o casamento e o ato sexual. Assim, o sujeito é obrigado a 'subjeter' um código de conduta em que a conjugalidade e a obediência limitam-se a um controle de Estado e de polícia (prisão). Por fim, o poder que exerce o controle de si por si para dominar o outro. Por esse modo de governo de si, abre-se um caminho para pensar a constituição do sujeito pelas técnicas de si em que o desejo é um elemento importante dessa construção. O ato sexual sai das amarras de conduta e se instaura na permanente relação com o seu próprio sexo, marcando o real sentido de sexualidade no pensamento foucaultiano. Nessa última aula, Foucault (2016) faz-nos apreender que a noção de sujeito está ancorada ao significante desejo. Além do mais, a história da sexualidade não se reduz à repressão do desejo (do sujeito), mas pelos momentos em que ele foi isolado, esquecido, oculto ou até mesmo exaltado.

Diante do exposto, o curso Subjetividade e Verdade é um atalho para inaugurar os estudos acerca da hermenêutica do desejo (do sujeito), capaz de potencializar o cuidado de si e, consequentemente, os laços sociais em diversos contextos. A abordagem acerca dos jogos de verdade, relação de poder e processos de subjetivação torna-se um potente dispositivo pedagógico ao ato de ensinar e aprender em sala de aula, o que possibilita a qualificação da relação professor-aluno, professor-professor e aluno-aluno. Uma obra indicada a todos os profissionais, inclusive da educação, que deseja resistir, acionar direitos e praticar a liberdade.

### REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France (1980-1981). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.
- GROS, Frédéric. Situação do curso. In.: FOUCAULT, M. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France (1980-1981). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016. p. 271-288.
- REVEL, Judith. **Foucault**: conceitos essenciais. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.
- TOURAINÉ, Alain. **Pensar outramente**: o discurso interpretativo dominante. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2009.
- VEIGA-NETO, Alfredo da. **Foucault e educação**. 3. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

### SOBRE O AUTOR:

Ediênio Viera Farias. Doutorando em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Mestre em Educação de Jovens e Adultos (UNEB). Especialista em Práticas Docentes Interdisciplinares (UNEB). Licenciado em Matemática (UNEB). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano)/Campus Bom Jesus da Lapa. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Educação e Representações Sociais (Geppe-rs).

### Como citar este artigo:

FARIAS, Ediênio Viera. Noção de sujeito em 'subjeter' de Michel Foucault. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 01, e11261, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v1.11261>